



Jornal da UNESP



MAIO/92

Universidade Estadual Paulista

ANO VII — N.º 63

Conselho Universitário dá início a processo de sucessão do reitor

No dia 23 de abril, o CO definiu os passos iniciais da sucessão do reitor. Numa primeira etapa, os nomes para o cargo serão indicados pelas congregações e depois enviados a um Colégio Eleitoral formado pelo CO, CADE e CEPE. Pág. 3

MOVIMENTO ESTUDANTIL



O que foi e o que ainda pode ser

Antigos militantes falam das ações estudantis nas últimas décadas, enquanto os líderes atuais discutem como reativar as mobilizações. Já o pesquisador João Roberto Martins Filho analisa as bases sociais do movimento. Págs. 4 a 6.

A escolha do reitor

SÍNTESE



Manza Dias Costa

A ESCOLHA do próximo reitor será a primeira sob a égide plena do novo Estatuto da Universidade, que passou a vigorar no dia 22 de fevereiro de 1989. A eleição do professor Landim se deu dois meses antes, em dezembro de 1988, e foi, pode-se dizer, apenas inspirada no novo documento — na época, por exemplo, a composição do C.O. era diferente, o número de representantes no CEPE era bem menor e o CADE sequer existia. Em outras palavras, os procedimentos eleitorais a serem adotados agora é que servirão de referencial para o futuro.

O SEGUNDO semestre deste ano será um período generoso em termos de eleições na Universidade. Além de participarem da escolha do futuro reitor, nove unidades vão eleger também seus respectivos diretores. O mandato dos atuais termina entre julho e fevereiro na FCF, FCL e IQ de Araraquara, FCA, FMVZ e IB de Botucatu, FFC de Marília, IGCE de Rio Claro e IA de São Paulo.

A VUNESP ESTÁ disposta a patrocinar pesquisas acerca do vestibular em geral e do vestibular da UNESP em especial. Os interessados têm até o dia 29 de maio para apresentar seus projetos, que serão analisados tecnicamente pelo coordenador de pesquisas da Fundação e receberão pareceres *ad hoc* de especialistas. Maiores informações com o diretor-presidente da Vunesp, professor Carlos Vanni, pelo telefone (011)884-0277.

ESTE JORNAL não publica mais a coluna "Teses e Dissertações", o que era feito desde agosto de 1986. Essas informações vêm sendo publicadas agora em boletim próprio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

A PRÓXIMA edição do Jornal da UNESP será especialmente dedicada à ECO-92, com artigos tratando das questões mais importantes do meio ambiente. Além do público habitual — a comunidade unespiana e cerca de 3 mil leitores de fora —, os participantes da Conferência do Rio e da Eco-São Paulo também terão direito a seus exemplares.

A té há poucos anos, dificilmente se poderia considerar a UNESP como uma verdadeira universidade, fato que, em algumas circunstâncias, a apresentava como uma instituição de pouca credibilidade. Nos últimos tempos, contudo, a UNESP passou por uma série de mudanças, vem encontrando a sua identidade e transformando-se na melhor experiência de Universidade multicâmpus até hoje existente no País. A UNESP saiu do anonimato e, para o elogio ou para a crítica, equipara-se hoje às melhores universidades brasileiras.

Ter deixado de ser desconhecida foi importante, mas a nova situação trouxe consigo grande responsabilidade para toda a comunidade unespiana. Nesse contexto, o corrente ano tem importância crucial porque, de certa maneira, configura-se como o coroamento do processo de transformação por que vem passando a nossa Universidade.

Este é o Ano de Avaliação na UNESP e é também o ano da eleição do próximo reitor. Nesses dois processos, é necessário que a Universidade se envolva da maneira mais responsável e consciente possível, pois ambos estão estreitamente interligados. Espera-se que a avaliação traga à consciência de toda a comu-

nidade unespiana a verdadeira medida de sua identidade, e que se constitua em processo de autoconhecimento do qual possa resultar a autodeterminação de nosso futuro. Espera-se, ao mesmo tempo, que das eleições resulte uma escolha adequada e em tudo ajustada ao prosseguimento do caminho para esse futuro.

Tanto a avaliação quanto o processo de escolha do reitor não podem prescindir da participação de todos os que se encontrem empenhados em garantir que o caminho a trilhar seja aquele academicamente mais próprio para uma Universidade competente, cumpridora de seus deveres para com a sociedade que a mantém.

O reitor a ser escolhido, mediante um processo que hoje permite à comunidade manifestar-se claramente, ao abrigo de quaisquer pressões, deverá ser não apenas o representante oficial da Universidade, mas o fiel e convicto porta-voz da maneira de pensar da comunidade acadêmica. As características da pessoa escolhida para o cargo refletirão os valores que a comunidade universitária cultua, os princípios por ela priorizados. Mas para que isso realmente aconteça, é necessário que um número significativo de docentes se disponha a concorrer ao posto, para

que realmente possa haver escolha. É preciso também que esses docentes se dêem a conhecer à comunidade, com seu passado, seu projeto para o futuro e sua filosofia de trabalho. Finalmente, é necessário que a comunidade possa livremente debater todas as idéias e, desse modo, fundamentar sua opção.

Acima de tudo, é imprescindível que o processo se desenvolva em ambiente de liberdade. Não é possível admitir-se que, em uma universidade, e numa escolha para um posto tão importante, interesses menores ou menos dignos se sobreponham aos da excelência acadêmica, em todos os seus sentidos.

O corporativismo, a política partidária, os interesses particulares de pessoas, os afetos e desafetos, o medo e o egoísmo talvez tenham seu lugar particular na Universidade, como tudo o mais, mas não nesta hora.

Nesta hora, é preciso, isso sim, que pessoas qualificadas e capazes, com humildade e grandeza, tenham para com a Universidade em que trabalham respeito e interesse suficientes para, sem ambição e sem se deixarem tolher por falsos valores, apresentarem-se como postulantes à função de reitor.

unesp

Reitor: Poulou Milton Borboso Landim
Vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento: Arthur Roquete de Macedo
Pró-reitor de Graduação: Antonio Cesar Perri de Corvalho
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Antonio Monoel dos Santos Silvo
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Carlos Ruggiero

Jornal da UNESP

Editor: André Louzas
Redação: Denise Pellegrini, Emi Shimmo, Marcello Burgos e Tônio Belickos
Colaborador: Cleide Portes e Moretti Jr.
Editor de Arte: Celso Pupo
Secretário de Redação: Viviane Fernandez
Produção: José Luiz Redini
Tiragem: 20 mil exemplares

Este jornal, órgão do Reitorio da UNESP, é elaborado mensalmente pelo Assessorio de Comunicação e Imprensa.

A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citado o fonte.
Endereço: Rua do Carmo, 44, 5º andar, CEP 01019, São Paulo, SP. Telefone 37-4479

Composição, fotolito e impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. — IMESP



Vai começar escolha do novo reitor

QUADRO I

Indicação do reitor, que estabelece diretrizes gerais para o processo de elaboração das listas tripliques para reitor e vice-reitor.

Tendo em vista que o mandato do atual reitor encerra-se a 15 de janeiro de 1993 e o do atual vice-reitor a 19 de abril de 1993, torna-se necessário o estabelecimento de diretrizes gerais para o processo de elaboração das listas tripliques para a escolha dos novos dirigentes da Universidade a partir do próximo ano.

O artigo 30 do Estatuto dispõe sobre o processo de escolha de reitor e do vice-reitor e atribui às Congregações e ao Colégio Eleitoral o encargo de conduzir esse processo.

As Congregações cabe a elaboração de relação triplique de nomes, na forma estabelecida pelo respectivo colegiado. A partir desses nomes, o Colégio Eleitoral, constituído pelo CO, pelo CEPE e pelo CADE, deverá definir as listas tripliques, respectivamente para reitor e para vice-reitor, a serem submetidas ao governador do Estado.

Quanto à forma de encaminhamento de todo o processo, bem como quanto às regras que deverão presidir a participação da comunidade nesse processo, o CO deve pronunciar-se sobre o assunto, com fundamento na atribuição que lhe confere o Estatuto (artigo 18, XXI).

1 — Nos termos do § 1º do artigo 30 do Estatuto compete ao Colégio Eleitoral, constituído pelo CO, CEPE e CADE, a elaboração de listas tripliques de nomes, respectivamente para reitor e vice-reitor, a partir de relações encaminhadas pelas Congregações.

— Conforme o disposto no § 2º do mesmo artigo 30, a forma de escolha dos três nomes, que deverão integrar cada uma das duas relações, será estabelecida pelas próprias Congregações. Observe-se, portanto, que o Estatuto confere às Congregações, sem restrição de qualquer natureza, competência para decidir quanto aos procedimentos a serem adotados para a elaboração das relações. Assim sendo, não pode o Conselho Universitário limitar tal competência mediante imposição de normas que garantam a uniformidade de procedimentos em todas as unidades da UNESP.

Quanto ao Colégio Eleitoral, a única determinação do Estatuto é a de que, na elaboração das listas, o mesmo deverá considerar exclusivamente os nomes que constarem das relações encaminhadas pelas Congregações.

2 — O Estatuto não prevê expressamente consulta prévia à comunidade para a elaboração das relações de nomes, pelas Congregações, ou para a composição das listas tripliques, pelo Colégio Eleitoral. Contudo, é preciso considerar que a consulta à comunidade é um princípio já consagrado em nossa Universidade.

Tendo em vista a competência expressamente conferida pelo Estatuto às Congregações, de decidir livremente quanto aos critérios a serem adotados para a elaboração das relações, torna-se impossível garantir nesse nível a uniformidade de critérios indispensável à validade de um eventual processo de consulta, que retrate fielmente a posição da Universidade, com base nos mesmos parâmetros.

Em tais condições, cabe ao Colégio Eleitoral, a partir de critérios uniformes, por ele próprio estabelecidos, decidir quanto ao processo de consulta.

3 — Verifica-se, assim, que o pronunciamento das Congregações tem a importante função de definir o rol de candidatos, com base em proposta de toda a comunidade e independentemente de prévia inscrição formal de eventuais interessados. Em outras palavras, caberá à comunidade, via Congregação, inscrever os candidatos. Como, nos termos do Estatuto, são elegíveis para reitor ou para vice-reitor todos os professores titulares dos quadros da UNESP, em princípio, todos esses professores são candidatos potenciais às referidas funções.

O pronunciamento das Congregações definirá, dentre o rol dos elegíveis, a relação de nomes a serem considerados pelo Colégio Eleitoral. Constarão dessa relação todos os professores titulares dos quadros da UNESP, que integrarem qualquer das relações encaminhadas pelas Congregações e que não hajam manifestado por escrito junto ao Colégio Eleitoral, nessa fase do processo, sua disposição de não concorrer ao pleito. Esses serão os candidatos previamente selecionados pela comunidade, cujos nomes serão considerados pelo Colégio Eleitoral.

4 — Caberá ao Conselho Universitário o estabelecimento do calendário do processo eleitoral.

QUADRO II

Eis a íntegra do artigo 30 do Estatuto da UNESP:

— O reitor e o vice-reitor serão nomeados pelo governador, com base em listas tripliques de professores titulares da UNESP, com mandato de quatro anos, vedado o exercício de dois mandatos consecutivos.

§ 1º — As listas referidas neste artigo serão elaboradas por Colégio Eleitoral especial, constituído pelo CO, pelo CEPE e pelo CADE, a partir de relação de nomes de professores titulares, indicados pelas Congregações das unidades universitárias.

§ 2º — Para cumprimento do disposto no parágrafo 1º deste artigo, serão propostos três nomes pela Congregação de cada unidade universitária, tanto para reitor, quanto para vice-reitor, na forma estabelecida pelo respectivo colegiado.

§ 3º — Cada membro do Colégio Eleitoral terá direito a um único voto.

Inicialmente, as congregações escolherão nomes, que serão enviados a um colégio eleitoral formado pelo CO, CADE e CEPE

Autonomia para as congregações, dispensa de candidaturas e tempo suficiente para que o processo eleitoral não sofra atropelos. Essas são as bases que sustentarão a escolha do próximo reitor da UNESP, o quinto da sua história e cujo mandato terá início no dia 16 de janeiro do ano que vem.

Quem acionou os motores da sucessão foi o próprio reitor Paulo Landim, ao apresentar ao Conselho Universitário, no dia 23 de abril, uma proposta contendo os passos iniciais e básicos de como será feita a escolha. "Achei conveniente dar início às discussões já, para evitarmos casuísmos", declara o reitor, que pretende manter-se neutro durante todo o processo

de definição de nomes, apenas zelando para que tudo transcorra sem problemas. "Uma das maiores preocupações de minha gestão foi garantir a liberdade de expressão dentro da Universidade", diz. "Não seria agora que indicaria a uma comunidade madura e consciente o nome do meu sucessor."

OS PASSOS

Segundo a proposta apresentada pelo reitor (veja sua íntegra no quadro I), as congregações terão um papel decisivo — não só porque o Estatuto atribui a elas papel importante na questão eleitoral (veja quadro 2), mas principalmente porque não haverá candidatos previamente inscritos. "Todos os professores titulares da UNESP poderão ser votados", explica o professor Landim. Dessa forma, as congregações receberão uma relação com os nomes de todos os professores titulares da Universidade, exceto o do professor Landim, cuja recondução é proibida. Ao todo são 242 professores. A partir daí, cada congregação terá liberdade para definir a forma pela qual vai compor sua lista com três nomes. Isso deverá ocorrer, provavelmente, em junho.

Em seguida, as 24 congregações enviarão suas respectivas listas tripliques para o Colégio Eleitoral, composto pelos membros do Conselho Universitário, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (CEPE) e pelo Conselho de Administração e Desenvolvimento (CADE). Por esse sistema, o conjunto das listas poderá somar até 72 nomes, hipótese evidentemente pouco provável de se concretizar. De qualquer maneira,

porém, o passo seguinte já está definido: na medida em que não houve necessidade de candidatura prévia, todos os professores que constarem das listas tripliques das congregações serão consultados se aceitam ou não ser candidatos. Os que disseram não, estarão automaticamente fora do pleito. Os que disserem sim, terão, certamente, de se submeter a um conjunto de regras que vai disciplinar o processo eleitoral.

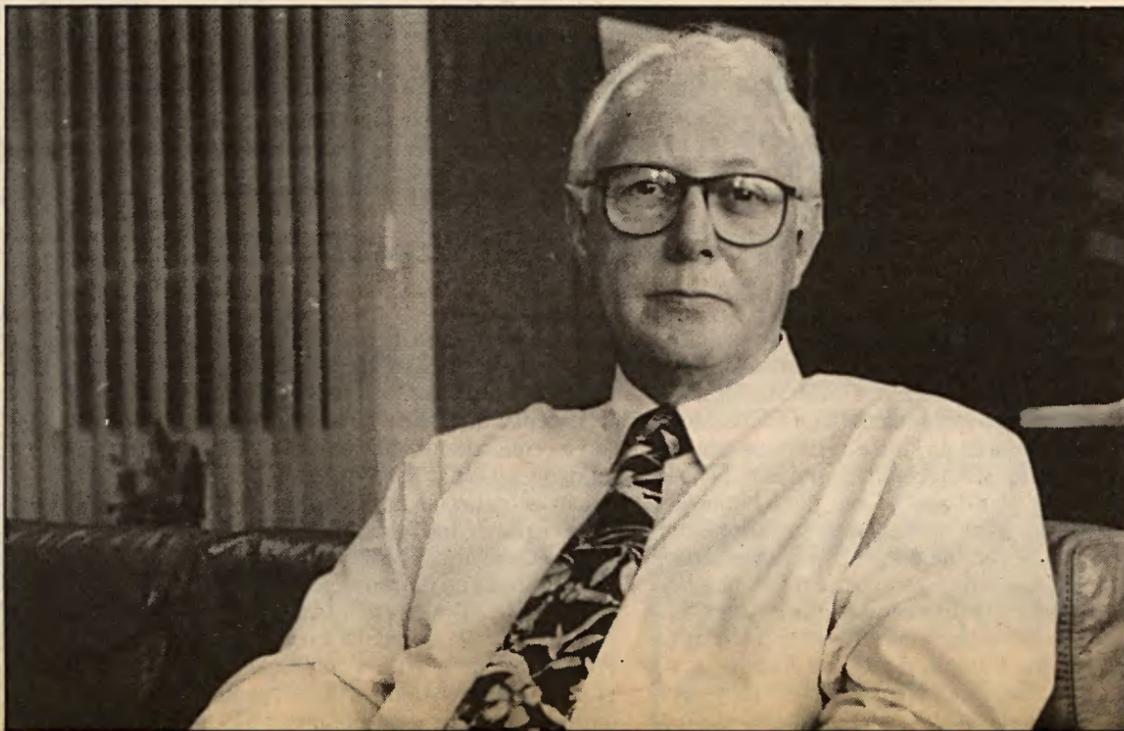
É esse conjunto de regras que o Conselho Universitário começa a definir em sua reunião do dia 21 deste mês.

"A proposta que apresentei ao Conselho Universitário vai até o momento em que surgem os nomes", explica o reitor. "É como se fosse uma eleição primária; os passos seguintes e a maneira como vai se chegar à lista triplique que será enviada ao governador do Estado são atribuições do Conselho Universitário e do Colégio Eleitoral." A intenção do reitor é que o proces-

so esteja totalmente concluído até o final de outubro.

Na sessão do CO em que o processo eleitoral foi deflagrado houve uma outra proposta, apresentada pela professora Sueli Mendonça, do câmpus de Assis, que previa a necessidade de inscrição de candidatos e já definia a consulta direta a alunos, professores e funcionários como forma de composição da lista triplique. Essa proposta obteve apenas 13 votos.

A aluna Verena Glass, do DCE, favorável à proposta da professora Sueli, chegou a sugerir uma mudança no Estatuto. "As regras do Estatuto não dão como certo que as congregações ou o Colégio Eleitoral façam suas listas tripliques com base na vontade expressa pela comunidade", argumenta ela. Verena tem razão do ponto de vista formal; entretanto é pouco provável, nesse aspecto, que a livre escolha do futuro reitor não seja feita como a do atual, pelo voto direto.



Professor Landim: opção pela neutralidade durante todo o processo de definição dos nomes

Arlano Zel rauskas

Reitor busca recursos no BID

Um amplo projeto elaborado pelo Ministério da Educação vai beneficiar o sistema universitário paulista — composto pela UNESP, USP e Unicamp — e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas. A proposta do governo federal prevê a modernização de 37 universidades federais e quatorze instituições de ensino e pesquisa do País, através de um financiamento total de cerca de US\$ 400 milhões. As entidades estaduais de São Paulo seriam destinados US\$ 207,5 milhões, fornecidos pelo Banco Interamericano de Desen-

volvimento (BID). A fim de defender a vinda desses recursos, os reitores das três universidades paulistas viajaram no último dia 15 de maio até Washington, para conversar com dirigentes do banco.

Nesse projeto, a UNESP está solicitando um montante de US\$ 60 milhões, para investir principalmente nos cursos de licenciatura, recuperação de laboratórios de ensino e pesquisa e também na modernização dos hospitais-escola, além do desenvolvimento das áreas de saúde.

Aulas de história, nas ruas

Os estudantes participaram de praticamente todos os principais eventos da história recente do País: a crise de 68 e toda a luta pela redemocratização, tanto na década de 70 como na campanha pelas Diretas-já, em 84. Aqui, antigos líderes e militantes que viveram esses momentos relatam suas experiências.

Em vinte e poucos anos de sua história recente, o movimento estudantil viveu momentos muito significativos, em intenso envolvimento com a situação política e social do País. Em 1968, os estudantes ocuparam o centro de um período marcante, que apesar de desdobramentos graves, como mortes, prisões e tortura, contribuiu para mudar a própria mentalidade do País. Essa foi a época em que suas lideranças mobilizavam multidões contra a ditadura militar, como por exemplo na Passeata dos 100 mil, no Rio de Janeiro.

Depois do silêncio imposto pela edição do Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968, o ME, como é chamado por seus participantes, voltou à ativa na segunda metade dos anos 70. A ação dos estudantes foi, então, a ponta de lança das manifestações por liberdades democráticas. Na década de 80, os jovens se envolveram na campanha pelas eleições diretas para presidente, porém o vigor de suas mobilizações já não era o mesmo de outros tempos. Com a sociedade utilizando seus instrumentos de participação, como partidos e sindicatos, os alunos hoje se voltam principalmente para os problemas educacionais e para a democracia universitária.

É claro que um processo que envolve três décadas é mais complexo do que esse rápido resumo e guarda incontáveis versões e detalhes, registrados no depoimento de seus protagonistas. Um deles é o atual deputado federal pelo PT, José Dirceu, representante de uma geração responsável por acontecimentos como a agitação de maio de 68 na França e o movimento hippie nos Estados Unidos e Grã-Bretanha. "Nós fomos o canal de expressão de uma parcela da sociedade que queria romper com todo um contexto cultural e político", define ele.

LINHA MODERADA

Eleito presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE) em 1967, José Dirceu foi preso no frustrado congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) realizado em Ibiúna (SP), no ano seguinte. À prisão seguiu-se o exílio em Cuba, interrompendo uma trajetória que havia começado com o ingresso no curso de Direito da então conservadora PUC, três anos antes. "Me choquei com o que encontrei lá", lembra Dirceu. "Não havia a mínima interação entre alunos e professores." Segundo o deputado, os estudantes na época não tinham o direito de intervir nas aulas e precisavam se levantar quando os docentes entravam na sala.

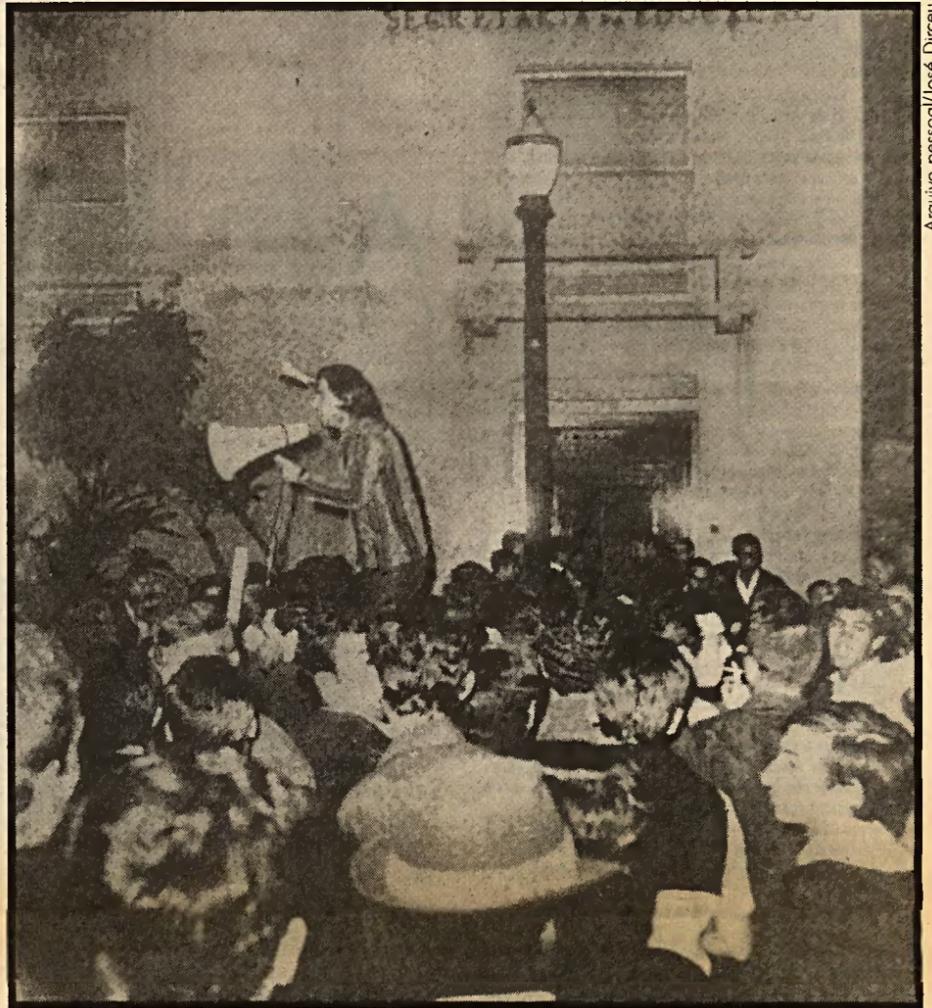
O então estudante da PUC teve como uma de suas primeiras iniciativas a organização de um plebiscito contra a lei Suplicy de Lacerda, que, entre outras coisas, atrelava as entidades acadêmicas às reitorias e extinguiu a UNE. "Foi a partir daí que entrei em contato com as lideranças estudantis de esquerda, me ligando à dissidência do Partido Comunista Brasileiro", recorda. Como presidente do Centro Acadêmico de Direito da PUC, Dirceu criou uma coordenação de C.As que se opunha à vertente Ação Popular, que priorizava o confronto político com o regime vigente. "Claro que tínhamos que enfrentar a ditadura, mas não podíamos nos distanciar da luta contra a política educacional daquele governo", argumenta. No entanto, a linha mais moderada defendida por Dirceu não foi a predominante naqueles tempos agitados. Vários grupos radicalizaram sua ação, pegando em armas. "A falta de espaço político nos obrigou a optar pela luta armada, o que foi um erro, devido à nossa inexperiência", avalia.

MARX E ENGELS

No final da década de 70, a ditadura militar ainda estava forte, mas já havia um novo quadro nas universidades e as manifestações dos alunos voltaram a pipocar pelo País. "Muitos professores assumiam posições de esquerda e levantavam as mesmas bandeiras dos estudantes", lembra Pedro Braz, hoje diretor de Projetos Especiais da Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Ele participou do ME durante os dois cursos que fez: o de Biologia na Universidade Federal de São Carlos, a partir de 74, e o de Ciências Sociais na UNESP de Araraquara, iniciado em 77. Pedro conta que era filiado a uma tendência trotskista, a Novo Rumo, e que devorava, junto com os companheiros, os extensos volumes de Marx, Engels, Lênin e Trotski. "Éramos ingênuos e acreditávamos na aplicação imediata do socialismo", confessa.

Por outro lado, Braz ressalta que, se não houve grandes mudanças políticas, os estudantes da época obtiveram muitas conquistas no campo do ensino. "Nós já tínhamos assento no Conselho Universitário e assim conseguimos alterações curriculares em muitos cursos." Atuante principalmente na área da cultura, ele diz que o ME foi muito importante para sua formação. "As atividades políticas e culturais me ensinaram tanto quanto o curso de Ciências Sociais", compara.

O deputado estadual pelo PMDB Mauro Bragato, também se considera "produto



José Dirceu discursa diante da Secretaria da Educação, nos anos 60: radicalização

da ousadia" do ME. Ele diz que começou a participar das atividades estudantis em Presidente Prudente, em 1974, quando ingressou no curso de Ciências Sociais. Segundo o deputado, havia entre os alunos uma grande preocupação de levar a discussão de temas políticos à população da cidade. "Exibíamos filmes para debater com a comunidade, apesar da repressão da polícia, que chegou a invadir duas vezes nosso cineclube", recorda. A mobilização, de acordo com Bragato, possuía um caráter suprapartidário. "Nós não tínhamos o vício do esquerdismo e não éramos ligados a nenhuma tendência", assinala. No entanto, Bragato destaca que o fato de os alunos não terem vinculações partidárias não os impedia de se alinharem com as entidades políticas na luta contra o regime militar.

DIRETAS-JÁ

Uma década depois, em 84, havia inegáveis avanços da democracia, mas os tempos continuavam bichudos, sendo que, entre outras coisas, os brasileiros não podiam escolher o presidente da República. Foi nesse contexto que Marcelo Rezk elegeu-se presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, onde cursava Engenharia Civil. "Entre altos e baixos, nosso movimento conseguiu um bom nível de arregimentação", analisa. "Pegamos carona no movimento das Diretas-Já para presidente e reivindicamos diretas-já para reitor." Ele garante que, no auge dessa luta em duas frentes, chegou a percorrer oito vezes, numa semana, os 700 quilômetros que separam Ilha Solteira da capital, para comparecer a passeatas, concen-

trações e reuniões. Apesar disso, acha que os estudantes poderiam ter participado mais da reestruturação da Universidade, promovida a partir de 85. "Descobrimos que tínhamos mais palavras de ordem do que propostas concretas", constata.

Rezk declara que a pequena cidade de Ilha Solteira era um local propício para a reunião dos estudantes. "Vivíamos o clima universitário 24 horas por dia", ressalta. Segundo ele, era possível juntar cerca de 300 alunos numa assembleia-relâmpago, apenas passando por barzinhos e repúblicas. Rezk assegura que o D.A. tinha uma estreita ligação com os estudantes: "Nós havíamos recebido, por exemplo, o direito de gerenciar o alojamento local, mas preferimos passar sua administração e as verbas para os próprios moradores", comenta.

Atualmente presidente do Conselho de Representantes dos Empregados da Companhia de Engenharia de Tráfego, na capital, onde trabalha como analista, Rezk vê uma relação entre sua atuação atual dentro da empresa e sua militância universitária: "É preciso mudar as estruturas que não funcionam", justifica. A importância do ME também é reconhecida por José Dirceu na sua atividade: "Eu trago daquela época a experiência da luta social, sem a qual não há mudanças", garante. Essas palavras de líderes de duas gerações mostram que, apesar da passagem do tempo, a experiência do movimento estudantil ainda hoje se mantém no dia-a-dia de muitos de seus participantes.

Marcelo Burgos

Arquivo pessoal/José Dirceu



À procura de um novo começo

Hoje, o movimento estudantil está longe do vigor que tinha em outros tempos. As dificuldades são muitas, porém suas lideranças buscam organizar os alunos, com iniciativas como a rearticulação do DCE da UNESP.

Com assembleias pouco concorridas e baixa participação em suas entidades, o movimento estudantil hoje não consegue carregar suas baterias para enfrentar os problemas vividos pela universidade. A situação é bem diferente da que ocorreu no final dos anos 60, quando, a partir de suas reivindicações, os estudantes canalizaram toda a insatisfação social contra o regime militar. Na maré baixa que persiste desde o fim da campanha das Diretas-Já, em 84, as lideranças buscam palavras de ordem que façam os alunos recuperar a antiga disposição e lutar por melhores condições de ensino e até mesmo pela superação da própria crise nacional.

Fábio Augusto Pacano, um dos coordenadores gerais do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UNESP, acha importantes as mobilizações por questões específicas, como a instalação de moradias estudantis, mas ressalta que os alunos devem sempre se orientar por temas mais abrangentes, como a política educacional em vigor. "Se ficarmos apenas em reivindicações isoladas, quando conseguirmos a moradia nos câmpus, por exemplo, vamos nos desmobilizar e ficaremos órfãos de novo", alerta. Da mesma forma, Pacano quer ver o universo acadêmico envolvido com as demandas sociais: "A universidade deve pensar saídas para que o Brasil não seja mais um País de Terceiro Mundo", comenta.

Outros dirigentes também ressaltam que os alunos, para não ficarem "órfãos", precisam estar atentos às questões nacionais. "Atualmente, uma de nossas principais preocupações é a decadência da universidade pública", afirma Éder Roberto da Silva, coordenador de Educação do Diretório Acadêmico Di Cavalcanti (Dadica), da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação do câmpus de Bauru. Éder teme pela privatização do ensino superior, alegando que há um plano governamental de descaracterização do sistema universitário.

RAZÕES DA APATIA

O engajamento dos estudantes mais ativos, no entanto, não basta para fazer o movimento estudantil atuante. E as explicações



Alunos conversam durante intervalo de aulas: o desinteresse por ações coletivas pode ser superado com novos tipos de atividades

para a apatia atual são várias: "Nós pertencemos a uma geração que é fruto do regime militar e, por isso, temos dificuldade para nos organizar", justifica Luiz Miguel Martins Garcia, presidente do D.A. da Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira. Para Éder, do Dadica, a causa está na composição social do alunado, que hoje seria muito mais elitista que há alguns anos. "Os alunos pertencem à classe média alta e não têm poder de mobilização", diz.

Esse quadro de desânimo não é específico da UNESP. "É uma tendência geral", considera Mário Diniz Xavier de Oliveira, secretário de Política Educacional da União Nacional dos Estudantes (UNE). Na sua opinião, a universidade não é mais a mesma das décadas de 60 e 70 e, conseqüentemente, o movimento estudantil precisa se reciclar, procurando fazer política sem sair às ruas. "É preciso lutar pela qualidade de ensino e descobrir o novo papel social do universitário", expõe.

De acordo com Pacano, do DCE, para que os alunos se interessem pelas ações coletivas é necessário fazer com que elas sejam atraentes. "Normalmente, quando chega um militante na mesa de um bar, todo mundo vai embora", lamenta. Por isso, além da luta política, o coordenador destaca as atividades esportivas e culturais, como os cineclubes, para estimular a convivência estudantil. "Os filmes exibidos na Sessão Zoom, em Araraquara, e no Cineclube Boitatá, em Rio Preto, são ótimos exemplos", recorda.

PT X PC DO B

A necessidade de mudanças no movimento estudantil também dá um novo perfil ao aluno mais envolvido com suas atividades de sala de aula. Ele não é mais aquele sujeito presente em todas as agitações — e um notório faltoso nas aulas. "Hoje, o dirigente estudantil tem que estudar", considera Pacano. "Ele precisa ser respeitado academicamente para ter o mesmo tratamento no campo político." Ao mesmo tempo, o coordenador do DCE acentua que o movimento precisa se tornar apartidário, sem deixar de ser político. "No DCE cabe até a direita, se ela tiver representatividade", declara.

Mas, na prática, as coisas não são bem assim, pelo menos na opinião de Éder, do Dadica. Durante a formação da única chapa concorrente ao DCE no ano passado, o estudante alega que sua candidatura foi barrada, por ele estar ligado ao PC do B, sendo que somente petistas teriam sido escolhidos. "Será que só porque sou filiado ao PC do B eu não sei pensar?", ironiza. Pacano, por sua vez, admite defender as idéias do PT, mas de forma democrática: "Se numa assembleia a minha opinião não vencer, eu acato a que for mais votada", assegura.

Luiz Miguel, de Ilha Solteira, afirma que o DCE sofre influências partidárias, porém acha que não há discriminações. "Participei do processo de formação do DCE e me opus à polarização entre os dois partidos", lembra. Ele acredita que, na articulação do diretório, foi evitada a partidarização de sua direção: "O representante do meu câmpus no DCE não é ligado a nenhum partido", garante. Éder afirma que, apesar de tudo, essa importante entidade está sendo reconstruída e agora não é o momento para divisões (veja quadro nesta página). O coordenador do Dadica enfatiza que o convívio entre as duas tendências é civilizado e que seus membros defendem vários objetivos comuns.

A representação paritária nos órgãos colegiados é um exemplo dessa coincidência de idéias. "Isso é um fator de democratização da universidade", diz Éder. "Queremos que a participação dos alunos passe de 1/5 para 1/3 dos membros dos órgãos colegiados", propõe Pacano. Entretanto, há câmpus sem representantes discentes suficientes em seus órgãos colegiados, como em Jaboticabal: "A gente faz assembleias para escolher os representantes, mas aparece pouca gente", alega Ricardo Neiva Iozzi, diretor cultural do Diretório Acadêmico Fernando Costa, da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. Mesmo assim, os estudantes querem ter maior influência até mesmo no processo de sucessão da Reitoria. "A posição do DCE é por eleições paritárias para reitor e vamos lutar por isso", diz Pacano.

Denise Pellegrini

Participação dos alunos da UNESP

O movimento estudantil da UNESP vem retomando seu fôlego principalmente graças à reestruturação do DCE, efetivada em outubro do ano passado, após dois anos sem direção. Apoiado por uma política de gestão denominada "Mutirão", o DCE está baseando suas atividades no trabalho coletivo. O diretório — que não tem presidente, e sim, quatro coordenadores gerais e cinco regionais — é, segundo seus dirigentes, um órgão executivo e não decisório.

Para resolver as questões que mais preocupam os alunos, existe o Conselho de Entidades Estudantis da UNESP (CEEU). Mensalmente, os 27 diretórios e centros acadêmicos se reúnem para encaminhar suas propostas e reivindicações. "Nas reuniões do CEEU todos têm voz, mas somente um aluno por D.A. ou C.A. pode votar", conta Fábio Augusto Pacano, um dos coordenadores gerais do DCE. Em nível de cada unidade os alunos possuem representação nas Comissões de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários, de Ensino e de Pesquisa, nos Conselhos de Departamento e Congregação. Os representantes discentes também têm assento nos órgãos colegiados centrais — Conselhos Universitário, de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária e de Administração e Desenvolvimento, além das Comissões Centrais de Graduação, de Pós-Graduação e Pesquisa e de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários. Os estudantes normalmente ocupam 1/5 das vagas, nesses órgãos. "Para escolhermos os membros desses colegiados e as nossas diretrizes junto a eles, a única solução é o CEEU", explica Luiz Miguel Martins Garcia, presidente do D.A. da Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira. "A distribuição geográfica da UNESP não nos dá outra alternativa."

(D.P.)

Por que os alunos estão quietos?

Pesquisador aponta base social das ações estudantis e analisa seu atual impasse

Poucos estudos sociológicos se preocuparam em explicar o movimento estudantil no País. Um deles é de autoria de João Roberto Martins Filho, docente da Universidade Federal de São Carlos. Sua dissertação de mestrado, que abordou as relações entre a organização dos estudantes e o regime militar, foi publicada em livro em 1987, com o título *Movimento estudantil e ditadura*, pela Editora Papirus. Nesta entrevista, Martins traça um panorama da história das mobilizações universitárias desde o início do século, mostrando sua interação com a sociedade. O professor revela que nem sempre os estudantes se colocaram ao lado dos interesses da maioria da população e aponta as causas das intensas manifestações de 68. Finalmente, ele analisa as razões da atual falta de iniciativa dos alunos para enfrentar os problemas educacionais e políticos do Brasil.

Estudantes e sociedade

“O movimento de 68 tende a projetar sua imagem para trás e reforçar o mito de que os universitários sempre estiveram ao lado das lutas populares, o que não corresponde à realidade. Até a metade deste século, os alunos tinham posições políticas vinculadas às oligarquias. Por exemplo, na greve geral de 1917, em São Paulo, os estudantes se propuseram a substituir os trabalhadores que faltavam ao serviço. Isso ocorria em função da composição social da universidade, que era formada basicamente pelos filhos das altas classes médias de então, ou seja, advogados, médicos e engenheiros. A ideologia dessas camadas era preponderante entre os universitários e também ficou evidenciada em 45. Nesse ano, ocorreram importantes manifestações contra a ditadura de Getúlio Vargas, como a Passeata do Silêncio, feita pelos alunos da Faculdade de Direito da USP. O movimento tinha um caráter antiautoritário, embora os estudantes expressassem um liberalismo de elite, contrário à participação popular na política. No entanto, a partir dos anos 50, a situação começa a mudar, por causa do influxo de outros segmentos da classe média no ensino superior. Essa alteração vai gerar, no início dos anos 60, novas palavras de ordem, como a reivindicação por ampliação do ensino público e gratuito. Ao mesmo tempo, exigia-se maior democratização da estrutura universitária, justamente para garantir essa abertura. O episódio mais famoso dessa fase foi a greve nacional de 62, que propunha que os estudantes tivessem a participação de um terço nos cargos dos órgãos de direção do sistema universitário.”

A ação dos líderes

“É importante não confundir os setores militantes, de liderança, com o conjunto dos estudantes. Em momentos como 62 e depois em 68, ocorre um encontro entre as grandes expectativas do alunado e as pa-



Márcia Mimilio

lavras de ordem dos seus líderes, principalmente da UNE. Entre 63 e 64, devido à crise política que opôs esquerda e direita, burguesia e trabalhadores, os estudantes foram tomados por uma certa paralisia, chegando a apoiar implicitamente o golpe de 64, enquanto a liderança se radicalizava e se distanciava do estudantado. Depois de 64, e mais intensamente a partir de 66, a esquerda, mesmo na clandestinidade, vai reorganizar DCEs, União Estadual de Estudantes e a UNE. Então, em 68, o movimento estudantil explode em dimensões nunca vistas. Nesse momento, embora expressassem os interesses das camadas médias, os estudantes catalisaram também a oposição ao regime militar, formada por trabalhadores, classe média, intelectuais, políticos e até empresários. No entanto, depois da Passeata dos 100 mil, em junho, o movimento passou a mostrar sinais de esgotamento, ao mesmo tempo que a vanguarda dos universitários passava por um processo de radicalização que a afastou da massa. Quando ocorre o Ato Institucional nº 5, em dezembro, acentuando o fechamento político do regime, as lideranças estão mais isoladas e, portanto, vulneráveis. Durante 69, num clima de intensa repressão, o movimento de massas praticamente desaparece e parte da vanguarda adere à luta armada. As manifestações estudantis expressivas só retornaram entre 77 e 78, como expressão das aspirações da classe média pela abertura democrática. Porém, já nos fins da década de 70, ficava claro que o movimento não iria reaparecer nos mesmos moldes de 68. De lá para cá, as mobilizações se restringiram ca-

da vez mais às cúpulas, sem repercussão no conjunto dos alunos.”

Sem identidade política

“A grande questão é saber por que hoje o estudante não é tão politicamente ativo como em 68. Em sua grande maioria, os universitários são progressistas, muitas vezes participam de sindicatos, votam no PT ou em partidos de esquerda e se envolvem em campanhas, como as Diretas-Já, em 84. Mas eles assumem essas posições enquanto indivíduos ou membros de outros setores e organizações, e não como participante do movimento estudantil. O que acontece, pelo menos aparentemente, é que a condição de estudante não define uma identidade política clara, como ocorria em 68. É provável que naquele período a mobilização dos alunos tenha adquirido uma ressonância desproporcional ao seu peso político-social, devido à ausência de outros movimentos populares. Por outro lado, a condição de estudante atualmente reflete um grande conjunto de transformações sociais e culturais. A universidade é socialmente mais heterogênea que nos anos 60. Hoje, há estudantes que são antes de tudo trabalhadores e constroem sua identidade na situação de trabalho. Em universidades como a PUC de Campinas, por exemplo, a maioria dos alunos trabalha durante o dia e estuda à noite e, assim, não tem um convívio muito intenso com o ambiente universitário e seus problemas. Além disso, existe uma heterogeneidade de situações nas universidades federais, estaduais e particulares, o que dificulta a articulação entre seus alunos.”

Por uma nova ética

“De qualquer modo, apesar de haver aspectos diferentes entre as várias instituições, o sistema universitário brasileiro está ameaçado pela falta de recursos governamentais. A escassez de verbas atinge todos os ramos da pesquisa, principalmente a pesquisa básica. Por isso, não deixa de ser um enigma a falta de mobilização estudantil atual, principalmente nas universidades públicas. Os alunos de instituições como a UNESP são basicamente de classe média, o que teoricamente facilitaria a sua movimentação em torno de interesses comuns, como é o caso da defesa do ensino público e gratuito. Da mesma forma, momentos como os que ocorreram em 45, 68 e 78 mostram que é possível acontecerem mobilizações de massa em torno de bandeiras políticas gerais. Hoje, existe a possibilidade de o movimento estudantil protestar contra a decadência do governo Collor, mas não vejo condições de isso ocorrer, pelo menos em curto prazo. A crise por que passa a esquerda hoje e a falência dos regimes socialistas do tipo soviético com certeza agrava as tendências à paralisia política. Além disso, no caso específico do Brasil, as oposições não conseguem se articular numa ação comum. Por outro lado, o estudante de agora já se formou num clima onde a política não é mais proibida. Assim, apesar de tudo, eu confio em que ele possa constituir uma geração politicamente mais responsável. A sociedade hoje é muito individualista, mas eu espero que ele se volte para uma ética mais coletiva.”

ADMINISTRAÇÃO

Mais livros, revistas, fax, xerox...

Rede de bibliotecas recebe mais de US\$ 1 milhão para se modernizar

A restauração e modernização das 22 bibliotecas da UNESP, uma das principais propostas da atual administração da Universidade, está se tornando realidade. A recuperação do acervo foi tomada como prioritária sendo que nessa área já foram investidos mais de US\$ 1 milhão. No entanto, também está sendo dada muita atenção à aquisição de novos equipamentos, informatização, reestruturação administrativa e às reformas nas instalações das bibliotecas.

Uma pesquisa realizada em 1990 por um grupo de bibliotecárias e docentes de vários câmpus, sobre as condições da rede de bibliotecas, preparou o terreno para as medidas em andamento. Na opinião do vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento, Arthur Roquete de Macedo, a Universidade passou anos reprimindo a demanda por livros e periódicos, devido à falta de recursos e de uma política que priorizasse as bibliotecas. "Como essa preocupação foi demonstrada no plano de gestão do reitor, bastou a definição dos novos percentuais do ICMS destinados à UNESP, em novembro passado, para que o projeto começasse a ser implementado", conta.

O primeiro passo foi a aquisição de 30 mil livros e a destinação de um fax e uma máquina de xerox para cada biblioteca. "Em novembro de 1991, foram gastos Cr\$ 350 milhões nesses itens", computa o vice-reitor, informando que novos equipamentos ainda estão para chegar (veja quadro). A partir daí, a prioridade foi dada aos periódicos, com a criação de uma nova comissão, formada por docentes de todos os câmpus, incumbida de traçar a política de assinatura das revistas. "No primeiro quadrimestre deste ano, investimos US\$ 1 milhão nessa área", conta Arthur.

Segundo a coordenadora da Coordenadoria Geral de Bibliotecas, Glaura Maria Oli-



Glaura e Arthur: prioridade para a recuperação do acervo

Setor será informatizado

A informática está dando uma nova face à biblioteconomia. Equipamentos eletrônicos podem transformar uma biblioteca do interior do Estado em um canal de acesso à mais recente produção científica de todo o mundo. Por isso, a UNESP está investindo bastante nesse setor. Suas 22 bibliotecas, que já estão equipadas com máquina de xerox e aparelho de fax, até o início do segundo semestre receberão uma leitora de microfichas, um microcomputador e um CD-ROM.

"Com a informatização da rede, todas as bibliotecas ficarão interligadas", diz Glaura Maria Oliveira Barbosa de Almeida, coordenadora da Coordenadoria Geral de Bibliotecas. Segundo ela, a qualidade do serviço também será aprimorada, já que equipamentos como o CD-ROM vão agilizar bastante a pesquisa. Semelhante a um CD musical, o CD-ROM é um avançado aparelho de leitura de

discos que funciona acoplado a um microcomputador. Cada disco contém uma produção equivalente aos 26 volumes da Enciclopédia Britânica, 100 quilogramas de papel ou ainda 1.500 disquetes de 360.000 bytes. As bases de dados que serão utilizadas pelos pesquisadores trazem índices de artigos científicos publicados no mundo todo, em diferentes áreas do conhecimento.

Desde 1987, está instalado, em Botucatu, o primeiro CD-ROM da UNESP, obtido por empréstimo. "Os pesquisadores escolhem o assunto e a base de dados indica, entre outras informações, títulos de artigos e as revistas onde foram publicados", explica Enilze de Souza Nogueira Volpato, bibliotecária do câmpus. "Com esses dados em mãos, se não temos o periódico citado, pedimos, por fax, a outra biblioteca", conta Enilze.

(D.P.)

veira Barbosa de Almeida, o diagnóstico realizado demonstrou que havia a multiplicação de assinaturas de uma mesma revista por várias bibliotecas, enquanto se estava deixando de adquirir publicações importantes. Além disso, constatou-se que coleções completas não eram utilizadas e, outras, bastante consultadas, estavam incompletas. "Diante disso, resolvemos alterar a maneira de comprar periódicos que, antes, eram adquiridos durante todo o ano", explica. Já no início do segundo semestre, as publicações de 1993 deverão ser assinadas. "Isso evitará que as coleções fiquem incompletas, o que forma lacunas intransponíveis para a pesquisa na Universidade" diz Glaura.

MAIS RECURSOS

Para que todas as necessidades enumeradas pelo estudo de 1990 sejam supridas, será essencial o cumprimento de uma sugestão aprovada pelo Conselho de Administração e Desenvolvimento, propondo que 5% das verbas de custeio da Universidade sejam aplicadas na rede de bibliotecas. "Isso será possível com o início do recebimento da complementação de 0,095% do ICMS, previsto para maio", diz Arthur.

Além disso, fontes de recursos externos como a Fapesp também deverão contribuir para o incremento das bibliotecas. A coordenadoria já encaminhou à Fundação pedidos de livros importados feitos pelos departamentos. "Aqueles que não forem atendidos pela Fapesp serão nossa prioridade", garante o vice-reitor. A Universidade espera ainda a aprovação de um amplo projeto enviado ao BID, o que traria US\$ 12 milhões para o investimento em bibliotecas. "Se tudo correr bem, esperamos esses recursos para o segundo semestre de 1993", completa o professor Arthur.

Denise Pellegrini

AGRONOMIA

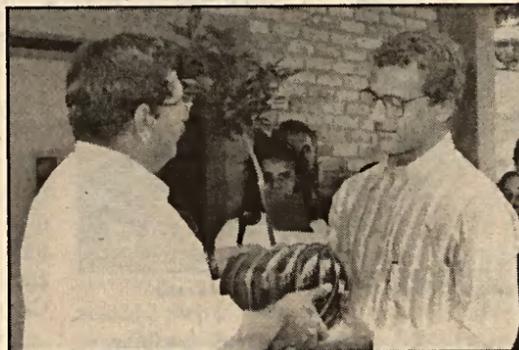
A superlaranjeira está entrando em campo

Pesquisas realizadas na Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA) do câmpus de Botucatu estão dando frutos que em breve serão saboreados no País e no Exterior. Coordenador do projeto da superlaranjeira, o professor Ary Aparecido Salibe entregou, no último dia 29 de abril, a primeira muda da planta a Marcos Ermírio de Moraes, diretor da Citrovita. Obtida depois de três anos de investigações, a superlaranjeira apresenta a vantagem de produzir frutos de boa qualidade e em maior quantidade. A Citrovita é uma das maiores empresas de citricultura do Brasil e vai produzir essa árvore em escala industrial.

Para chegar nesse estágio de desenvolvimento da muda, foi montado um projeto de melhoria genética pela UNESP, em parceria com o Centro de Biotecnologia da

USP de Piracicaba e da Citrovita, que bancou os gastos. "Foi uma verdadeira caçada a plantas excepcionais", explica o professor Antônio Tubellis, um dos integrantes do projeto. Foram selecionadas as melhores laranjeiras do Estado. A qualidade dos frutos foi analisada e os brotos passaram por um avançado tratamento biotecnológico para livrá-los de todas as doenças. As mudas foram enxertadas em tubos de ensaio e a multiplicação ocorreu com auxílio de microscópios.

Para ter sua pureza garantida, as plantas receberam um tratamento especial na Casa da Vegetação local, com controle de temperatura e iluminação. Quando atingiam 50 centímetros, as plantas eram transpor-



Salibe entrega matriz a Moraes: pesquisa

tadas para um laboratório climatizado e submetidas a testes de indexação biológica para detecção dos temíveis vírus frios: aqueles que se manifestam a baixas temperaturas. As oitenta matrizes já cultivadas no

câmpus de Botucatu através desse processo são chamadas superlaranjeiras e estão imunizadas de várias doenças, entre elas o vírus da "tristeza". "Empregamos tudo o que o homem sabe sobre melhoria genética de citros", esclarece o professor Salibe. A tendência é que essas plantas substituam a atual geração de laranjais no País, que detém a maior população de cítricos do mundo, com 150 milhões de pés plantados.

Com as novas mudas, a empresa pretende incrementar suas plantações, passando dos atuais 3 milhões de árvores para doze milhões de superplantas, que deverão produzir doze caixas de laranjas de excelente qualidade por pé. Atualmente, no Estado de São Paulo a produção média por planta é de apenas duas caixas.

Para preparar melhor quem educa

Em maio, Unesp promove II Congresso sobre Formação de Educadores

Apenas 7% dos professores das redes de ensino básico e superior de São Paulo são formados por universidades públicas estaduais. Preocupada com essa estatística, a UNESP vai promover, junto com outras dezesseis instituições de ensino público e particular, o II Congresso Paulista sobre Formação de Educadores, que será realizado de 24 a 28 de maio em Águas de São Pedro. O evento, que foi organizado pela primeira vez em 1990 e se tornou um dos mais importantes fóruns de debate sobre educação no Estado. Deverá reunir este ano cerca de 500 professores e especialistas da área para discutir o tema "Por um projeto educacional em favor da cidadania". O Ministério da Educação e Cultura (MEC) estará presente no Congresso através da Secretaria Nacional de Ensino Básico (Seneb) e deverão participar também integrantes de seis secretarias da educação de outros estados.

A professora Raquel Volpato Serbino, presidenta da comissão organizadora, tem certeza de que esse é um dos eventos mais importantes do País. "É uma oportunidade de reunir num único lugar as diferentes experiências sobre a formação do professor no Estado", explica ela. Segundo a organizadora, a repercussão do primeiro Congresso, realizado há dois anos, foi tão grande que o MEC está interessado em promover um encontro desse porte para todo o Brasil.

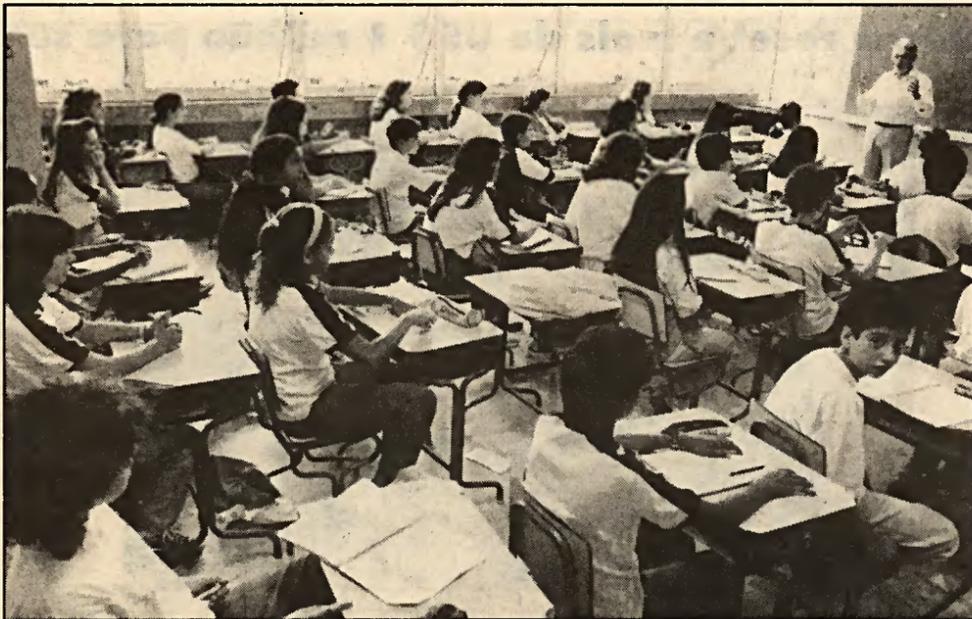
O objetivo do Congresso será analisar o desempenho dos professores em todos os níveis e propor alternativas para promover a qualidade da escola pública. De acordo com a professora Raquel, a maioria dos do-

centes do Estado é proveniente de escolas particulares, muitas delas sem condições de oferecer uma boa formação. "Nos últimos tempos houve uma expansão muito grande da área de ciências humanas e várias escolas improvisaram cursos de Pedagogia", critica ela. Outro dado alarmante é o alto índice de evasão registrado nos cursos de licenciatura das escolas públicas. "A nossa proposta é descobrir as falhas e reestruturar os cursos onde for necessário", afirma Raquel.

Nesse sentido, o docente garante que o Congresso apontará algumas soluções. A principal delas será a elaboração de um projeto de educação que deverá ser formulado

por cinco grupos de trabalho, compostos por vinte professores cada um e voltados para temas relacionados à formação do docente. Além disso, serão dadas palestras sobre o papel do docente na atualidade, por autoridades da área de educação, entre elas Fernando Morais e Mário Cortella, respectivamente Secretário Estadual e Municipal da Educação.

Esse ano, a Secretaria da Educação vai financiar a participação de 105 professores da rede de 1º e 2º graus no evento. Na ocasião, será também lançado o livro *Professores rumo ao século XXI*, que reúne as principais conferências e debates do I Congresso.



Sala de aula de escola de 1º grau: universidade deve colaborar no preparo de docentes

Mais três cursos têm bolsas PET

A UNESP é a universidade brasileira que recebe o maior número de bolsas de estudo do Programa Especial de Treinamento (PET). O programa envolve um convênio com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), para oferecer um tratamento diferenciado ao aluno que apresente bom rendimento acadêmico. Desse modo, o estudante tem condições de se preparar melhor para o mercado de trabalho. Em abril, a Capes aprovou mais três cursos oferecidos pela UNESP: Administração Pública, em Araraquara, Engenharia Elétrica, em Ilha Solteira e Zootecnia, em Jaboticabal. Agora já são treze os cursos que participam do PET, reunindo 118 bolsistas.

De acordo com o pró-reitor de Graduação, Antonio Cesar Perri de Carvalho, o crescimento do PET dentro da Universidade foi estimulado principalmente pelos congressos de iniciação científica, que proporcionaram a divulgação do trabalho dos alunos envolvidos com o programa. "Existem projetos muito interessantes elaborados por eles", comenta o pró-reitor.

Para participar do PET, o estudante tem o seu desempenho avaliado pela Capes. Depois, ele é submetido a um regime de tutoria, no qual é orientado por um professor com título de mestrado. O aluno tem de cumprir uma carga mínima de doze horas semanais, além das aulas normais, em que aprofundará temas que está estudando. A partir do segundo ano do curso, o estudante pode participar do PET até o final de seus estudos e nesse período apresenta relatórios semestrais para o tutor. Mas as atividades não se resumem apenas ao aprendizado dentro da Universidade. Os alunos também tomam parte em excursões a vários pontos do País, acompanhados dos professores da área.

POSSE

Guaratinguetá agora tem nova diretoria

A Faculdade de Engenharia do câmpus de Guaratinguetá (FEG) está sob novo comando. No último dia 9 de abril, em cerimônia realizada na Reitoria, Herman Jacobus Cornelis Voorwald foi empossado como diretor da FEG, em substituição a Nelson Múrcia. Já no dia 20 de abril, Luís Roberto Carrocci tomou posse como vice-diretor, em lugar de Fernando Marins. Segundo Voorwald, a principal meta de sua gestão é a consolidação do Centro de Ciência e Tecnologia da faculdade. "Este projeto é o elo de interação entre as empresas e o curso de Engenharia", adianta o diretor. Ele explica que, a partir desse centro, serão realizados cursos e treinamentos, além da prestação de serviços e consultorias a empresas.

Paralelamente aos serviços de extensão, Voorwald garante que pretende dar uma atenção especial aos cursos de graduação, no sentido de rediscutir seus currículos em função da realidade do mercado. "Hoje, o perfil dos profissionais está mudando e nós temos que nos adequar a isto", salienta. O vice-diretor Carrocci, entre outros pontos, destaca a qualidade do ensino do Colégio Técnico local. "Precisamos investir no seu desenvolvimento", conclui.

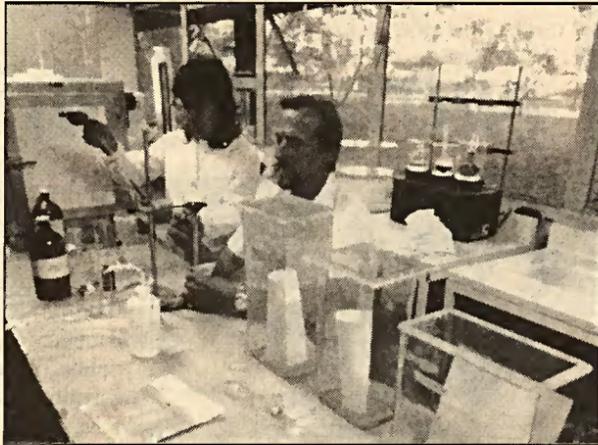


Voorwald e Carrocci: apoio a Centro de Ciência

LABORATÓRIOS

Censo mostrará o que universidade oferece

No segundo semestre deste ano, uma minuciosa radiografia de 260 laboratórios da UNESP estará à disposição da comunidade científica, da administração pública e da iniciativa privada. A Universidade integra o primeiro censo tecnológico do Estado, que inclui também a USP, a Unicamp e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT). Realizado desde o mês de abril em convênio com a Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, esse levantamento dará uma detalhada descrição da potencialidade dos equipamentos e serviços dos laboratórios. "Desta maneira a Universidade poderá ajudar as indústrias e essas podem melhorar a infra-estrutura universitária", assinala Amilton Ferreira, diretor da Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (Fundunesp) e um dos coordenadores gerais do projeto.



Laboratórios: dados precisos para captar recursos.

O censo, segundo Ferreira, será importante também para que a própria Universidade conheça melhor seus recursos e possa investir mais em equipamentos e pessoal. "A qualidade só tende a aumentar", prevê. Segundo ele, já foram formadas as equipes de trabalho, compostas por coordenadores e recenseadores, que até junho atuarão na

coleta de dados. Os recenseadores são alunos de mestrado que receberão uma bolsa para desempenhar a atividade, com custos totalmente cobertos pela Secretaria, que destinou Cr\$ 13,6 milhões para a UNESP.

Os laboratórios pesquisados são os que realizam análises, testes e ensaios. Mesmo os que não estão dispostos a oferecer serviços e produtos a empresas estarão relacionados. Os recenseadores usarão um formulário já discutido pelas instituições envolvidas e que está sendo avaliado em um pré-teste. "Através dele, poderemos saber tudo o que envolve os laboratórios, como equipamentos e suas condições, normas técnicas e recursos humanos", esclarece Maria do Carmo Pichinin, que assessora o projeto.

Uma segunda fase do censo vai incluir mais dezesseis institutos de pesquisa do Estado — como o Adolfo Lutz e o Butantan. As informações sobre os cerca de 1.350 laboratórios a serem catalogados irão para um arquivo em disquete. Através do sistema *on line*, todos os laboratórios poderão ser conectados.

ANIVERSÁRIOS

Parabéns para Botucatu e Bauru

O mês de abril registrou aniversários nos câmpus de Botucatu e Bauru. Os 29 anos de implantação dos cursos universitários de Botucatu e os 25 anos do Colégio Técnico Industrial (CTI) Prof. Isaac Portal Roldan, do câmpus de Bauru, foram comemorados com uma série de eventos e atividades. A FET, a unidade mais antiga de Bauru, também completou 25 anos, mas deverá festejar seu jubileu de prata apenas em agosto, junto com o aniversário da cidade.

Em Botucatu, os 29 anos foram lembrados com diversas inaugurações. Entre os eventos mais importantes, podem ser destacados:

- A inauguração do moderno forno incinerador para resíduos hospitalares, com capacidade para queimar 200 kg/hora de lixo. Com o novo forno, serão tratados adequadamente o material contaminado produzido no interior do câmpus e também aquele procedente dos hospitais de Botucatu.

- O Instituto de Biociências (IB) ganhou a Câmara Climática, um equipamento vindo da Alemanha, que controla a temperatura, umidade relativa do ar e iluminação do ambiente para a pesquisa de determinadas plantas.

- Foi assinada a escritura de doação pela Prefeitura de uma área de dez mil metros quadrados para a construção da moradia estudantil.

Os 25 anos do Colégio Técnico Industrial foram comemorados em Bauru com o lançamento de um projeto para o resgate da história da instituição, que deverá ser apresentado em outubro, na inauguração do novo prédio do CTI. O Colégio foi inaugurado em 1967 depois de ter sido firmado um convênio com a Secretaria da Educação do Estado que, na época, condicionou a instalação do Colégio à criação da Escola de Engenharia. O CTI foi encampado em 1988 pela UNESP e conta atualmente com 614 alunos matriculados nos cursos de Técnico em Eletrônica, Técnico em Mecânica e Técnico em Processamento de Dados. "Cerca de 30% dos nossos estudantes são originários de outras cidades", recorda a diretora do CTI, Ilda Tarzia Barbosa da Silva.

ODONTOLOGIA

Três eventos na FO/Araçatuba

A Faculdade de Odontologia (FO) de Araçatuba vai promover de 17 a 23 de maio três eventos simultâneos: o I Congresso Odontológico Internacional, a XII Jornada Acadêmica e o II Encontro de Ex-alunos. O ponto de partida é a tradicional Jornada Acadêmica, que desde 1980 reúne graduandos e pós-graduandos para a exposição de casos clínicos e pesquisas para discussão. O Congresso terá sua primeira edição durante a Jornada, e vai contar com a participação de professores especialistas da UNESP, USP e Unicamp, além do cubano José Castaño Alvarez, docente da Universidade de Havana. "Os temas dos cursos, entre os quais dentística e cirurgia bucal para o clínico geral, foram escolhidos pelos alunos", explica Oswaldo Magro Filho, professor do Departamento de Cirurgia e organizador da Jornada. Haverá ainda atividades de confraternização para os ex-alunos da FO-Araçatuba.

ENSINO

Início da casa própria

Lançada pedra fundamental da sede do Cepel

O Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista (Cepel) teve a pedra fundamental da sua sede lançada no último dia 6 de maio em São Vicente. Estiveram presentes à cerimônia o presidente da Câmara Municipal da cidade, Nicolino Bozzella, o reitor da UNESP, professor Paulo Milton Barbosa Landim, o pró-reitor de Graduação, professor Antonio Cesar Perri de Carvalho, e a coordenadora do Cepel, professora Myrna Therezinha Rossi Rego. O órgão, que tem como principal objetivo atualizar os professores da rede pública na Baixada Santista, é diretamente ligado à Reitoria da Universidade. Funcionando há três anos em instalações provisórias, o Cepel agora terá sua sede construída numa área de 5 mil metros quadrados, num terreno doado pela Prefeitura local.

O primeiro prédio do Centro, chamado de bloco didático, terá 813 metros quadrados e abrigará salas de aula, área admi-



Cerimônia: Myrna (à esq.) ouve discurso de Bozzella

nistrativa, biblioteca e sala para docentes. Estão previstos ainda, em dois outros blocos, alojamentos, laboratórios e mais uma biblioteca. O Cepel conta com seis funcionários e já realizou sessenta cursos de atualização de professores, além do recenseamento escolar e sócio-econômico de Santos e Itanhaém. Outra atividade do Cepel é a assessoria a delegacias regionais de ensino da Baixada, através de projetos pedagógicos desenvolvidos em escolas.

MÚSICA I

A arte desembarca nas estações

Alunos do IA tocam no metrô de São Paulo



Apresentação dos estudantes na estação São Bento: idéia pioneira que deu certo

Percussão, canto, flauta e violão já podem ser desfrutados pela população da capital paulista todas às quintas e sextas-feiras em diferentes estações do metrô. O projeto, executado pelos estudantes de música da UNESP, USP e Unicamp, é uma iniciativa da Secretaria dos Transportes Metropolitanos e da Companhia do Metropolitanopolitano, com patrocínio do Banco Itaú. A proposta da UNESP é que o projeto seja institucionalizado como evento cultural no calendário da cidade. "É uma idéia pioneira que deu certo", afirma Márcia Regina Costa Dias, assistente técnica do Progra-

ma de Atividades Culturais da Universidade.

As apresentações de música, dança e teatro acontecem desde março nos espaços que foram cedidos pela Secretaria dos Transportes e metrô. Entre três e quatro grupos de música do Instituto de Artes (IA) se apresentam às quintas, das 17 às 19 horas, em três estações do metrô. Na sexta-feira, o evento começa mais cedo, às 13 horas, no Espaço Cultural São Bento, que fica dentro da estação São Bento. Além disso, os estudantes que participam do evento ganham um pequeno cachê bancado pelo Itaú.

SEMINÁRIOS

Pela boa relação com o ambiente

Analisar vários ecossistemas brasileiros, visando a melhor produtividade e a menor degradação ambiental. Este é o objetivo do Ciclo de Seminários em Ecologia que a Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) de Jaboticabal promove a partir de 21 de maio e que se estende até junho. Serão ao todo quatorze temas abordados por especialistas convidados e pesquisadores da UNESP. Segundo o coordenador Márcio Benincasa, professor do Departamento de Engenharia Rural da FCAV, os seminários privilegiarão o debate de temas. "Como temos alunos de vários estados, que se ocupam de diversas regiões brasileiras, será fundamental essa troca de experiências", ressalta. Apesar do público-alvo ser os pós-graduandos, os seminários estão abertos para a participação da comunidade.

O professor Benincasa destaca entre os temas a serem expostos o de legislação ambiental, que será mediado pelo Dr. Augusto Martinez Perez, curador do meio ambiente de Ribeirão Preto. "A comunidade e mesmo o meio jurídico estão muito pouco familiarizados com este assunto", justifica, acrescentando que a população ignora muitos dos seus direitos em questões que envolvem a ecologia. Outros temas serão o cerrado visto como ecossistema, poluição agrícola, vantagens e desvantagens da agricultura orgânica e aspectos ecotoxicológicos de agrotóxicos. Maiores informações podem ser obtidas pelo telefone (0163) 22-4000, ramais 243 e 244.

MÚSICA II

Percussão, por mãos de todo País

No começo de maio, ocorreu o III Encontro Nacional de Percussionistas, um dos mais importantes eventos do Brasil em sua área. Patrocinado pela Fundação para o Desenvolvimento da UNESP, o encontro foi promovido no anfiteatro do Instituto de Artes (IA), câmpus de São Paulo, entre os dias 1º a 4 e 12 deste mês. O maestro John Boudler, dirigente do Grupo de Percussão do IA, este ano trouxe como convidado especial o timpanista alemão Peter Sadlo, vencedor do 33º Concurso Internacional de Música de Munique, um dos mais conceituados do mundo.

"Ele está entre os dez melhores percussionistas da atualidade", afirma o maestro. O músico, que se apresentou no dia 12 no IA, fez audições inéditas no Brasil de obras de compositores como Fink, Glentworth, e Hummel, além de um workshop, onde os alunos tocaram composições próprias que foram avaliadas por Peter. Mas o evento teve outros destaques importantes como "Percussão pra quem gosta", uma coletânea de peças escritas pelo músico Dalga Larrondo, da Unicamp, e um recital feito pelo premiado grupo Duo Contexto, formado por alunos do IA, que apresentaram obras de F. Iaz-zetta e G. Crumb.

Houve outros eventos paralelos ao encontro, como a apresentação de grupos de percussão de Brasília e Campinas, além da participação do percussionista uruguaio Sérgio Tulbovitz, que tocou ritmos cubanos. O maestro Boudler promete trazer para o próximo encontro, que acontecerá em 1994, a compositora Keiko Abe, expoente mundial em seu instrumento, a marimba.

PISCICULTURA

O cascudo, dos rios até a mesa



Pesquisadores do Ibilce estudam espécies brasileiras de peixes e avaliam seu potencial para consumo

Um novo espaço para a pesquisa de espécies de peixes brasileiros foi aberto no campus de São José do Rio Preto. Em novembro do ano passado, foi inaugurada a mini-estação de piscicultura, vinculada ao Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce). O Departamento está estudando pela primeira vez no Estado o cascudo, um peixe típico do País, muito comum nos rios da região. A idéia do professor Valdener Garutti, um dos responsáveis pela criação da mini-estação, é estudar em cativeiro mais algumas das cerca de três mil espécies de peixes existentes no Brasil, boa parte delas praticamente desconhecida.

"A piscicultura brasileira está começando a pesquisar agora os peixes originários do País",

conta o professor. Ele acredita que o projeto da mini-estação vai complementar as investigações realizadas no Centro de Aquicultura da UNESP — cuja sede se localiza em Jaboticabal — e preencher lacunas importantes no estudo de linhagens de peixes tropicais. De acordo com o pesquisador, o Brasil possui grande parte das espécies de peixe distribuídas no mundo. "Mas pouco se conhece sobre a biologia da maioria delas", diz.

No caso do cascudo, Garutti assegura que esse é um peixe de rico valor protéico, cuja carne contém baixo teor de gordura. Por isso, o objetivo do estudo é avaliar o potencial desse peixe, para depois incentivar sua criação, em cativeiro. E já existem alguns resultados. Das 29 matrizes de cascudo-cinza colocadas em três tanques, foram reproduzidas vinte mil larvas no pe-

ríodo de novembro a fevereiro deste ano. Para observar o comportamento reprodutivo dos cascudos, assim como das larvas, os pesquisadores fizeram mergulhos diários nos reservatórios. A próxima etapa, segundo Carutti, será engordar as larvas — que se alimentam basicamente de algas e do lodo depositados no fundo dos tanques — e fazer cruzamentos para obter linhagens geneticamente melhores. "Depois desses estudos, eles poderão ser introduzidos na piscicultura", garante ele.

Mas as pesquisas não param por aí. Junto com os cascudos, serão criadas outras duas espécies de peixe: o pacu e o curimatá da região do Alto Paraná. Segundo o professor, hoje só existem estudos sobre essas espécies na região do Pantanal — e, como assinala Garutti, as características dos peixes mudam de acordo com o local onde vivem. "Queremos documentar o comportamento dessas espécies que conseguem conviver pacificamente com outros tipos de peixe", observa ele.

Garutti aponta algumas vantagens que a população tem ao consumir um peixe de cativeiro. Ele lembra que os rios e cursos naturais estão sendo gradativamente destruídos pelo despejo de detritos industriais e domésticos. No caso, os peixes são as principais vítimas da contaminação. "Na piscicultura há o controle da qualidade da água, não existindo praticamente esse risco", diz ele.

Tânia Belickas

FALECIMENTO

Morreu Armando Ramos, ex-reitor



Ramos: no comando da UNESP entre 80 e 84

O professor Armando Octávio Ramos, reitor da UNESP entre 1980 e 1984 morreu no dia 7 de maio em São Paulo, vítima de problemas cardiocirculatórios. Na década de 70 o professor participou da estruturação da Universidade e ajudou a elaborar e aprovar seu Estatuto Geral. Nascido em São Paulo em 1932, formou-se pela Faculdade de Medicina da USP em 1955. Sua carreira de pesquisador inclui mais de 260 publicações, sendo 90 delas em revistas ou congressos científicos no Exterior. Orientou mais de 25 trabalhos de doutoramento e mestrado e participou de bancas examinadoras em mais de 115 concursos universitários. Nos Estados Unidos ele atuou como professor-assistente na Universidade de Cornell.

Destaque

•Professor do Departamento de Cirurgia e Ortopedia da Faculdade de Medicina, campus de Botucatu, **Francisco Humberto de Abreu Maffei** foi empossado como presidente da Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular, para o biênio 92/93. Maffei foi eleito durante o 29º Congresso Brasileiro de Angiologia e Cirurgia Vascular realizado em Vitória, em setembro do ano passado.

•**Maria Francisca Junqueira**, professora do Departamento de Música do Instituto de Artes, campus de São Paulo, foi eleita para integrar a Comissão Nacional de Incentivo à Cultura, órgão que definirá os projetos a serem beneficiados pela Lei Rouanet, voltada para o incentivo às atividades culturais. Maria Francisca também é presidente da Associação Brasileira de Escolas de Música, que realizou o seu III Encontro no início de maio, em São Paulo.

Prêmio

•"Desenvolvimento sócio-econômico: o melhor produto da indústria" foi o tema do primeiro concurso de monografias promovido pela Fiat do Brasil, o Monografiat. Entre seus dez vencedores foi classificada **Patrícia Martins da Silva**, aluna do curso de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas do campus de Rio Claro. Como prêmio, Patrícia recebeu uma viagem para a Itália, feita no mês de janeiro passado.

Equipamentos

•O curso de Engenharia Florestal da Faculdade de Ciências Agrônomicas do campus de Botucatu recebeu em março passado novos equipamentos que darão impulso principalmente a estudos e pesquisas na área de celulose e papel. Doados pela Johnson & Johnson de São José dos Campos, os equipamentos estão estimados em cerca de Cr\$ 100 milhões (valores de março) e reúnem um formador, um classificador e um homogeneizador de fibras, entre outros.

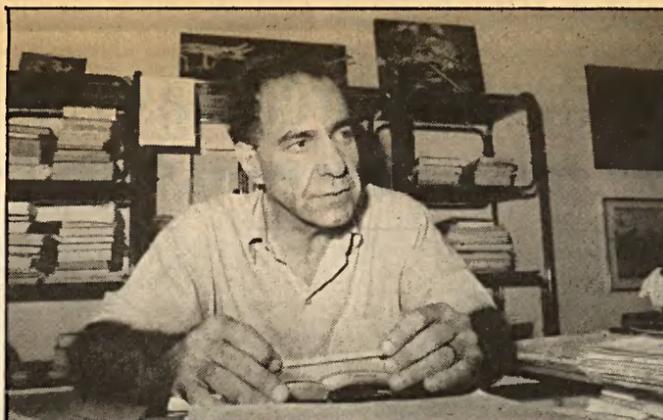
SERVIDORES

Cursos, só para os funcionários

O aperfeiçoamento de servidores técnico-administrativos já é uma realidade no campus de Bauru e no Instituto de Biociências do campus de Botucatu (IB). Nestes dois locais, estão sendo oferecidos cursos de atualização e reciclagem, que visam incrementar o desempenho dos funcionários e atualizá-los com novas técnicas. "A demanda para estes cursos é bastante grande, com um número de interessados muito superior ao de vagas", informa o presidente da comissão responsável pelo programa no IB-Botucatu, professor Antonio Marinho de Oliveira. Os cursos e treinamentos abrangem diversas áreas de interesse dos funcionários, respeitando seus perfis e necessidades, que variam conforme a unidade. "A partir do nosso programa de treinamento pretendemos criar um centro que cuide do aprimoramento do funcionário", planeja o Professor Luis Carlos Caneo, um dos organizadores das atividades em Bauru.

Os temas dos cursos, em Bauru, são dactilografia, noções básicas de redação, técnicas de chefia e liderança, leitura de língua inglesa e socorros básicos, entre outros, além de ciclos de palestras que tratarão de assuntos como política e família. Já em Botucatu, o IB oferece aos seus servidores programas como atividades básicas de escriturário, relação indivíduo-grupo no trabalho e a elaboração de arquivos em microcomputador. Há ainda cursos ligados a atividades laboratoriais, como formulação e nomenclatura de compostos químicos e anatomia geral de animais de laboratório. A programação se estende até o final do ano.

METEOROLOGIA



Calheiros: equipamento de US\$ 800 mil será muito confiável

Tempo bom para o IPMet

Novo radar a ser instalado em Bauru dará melhores informações sobre o comportamento do clima em São Paulo

Detectar chuvas e trovoadas com algumas horas de antecedência pode significar uma economia de meio bilhão de dólares para o Estado de São Paulo. E é justamente isso que fará o novo radar Doppler Banda S., recém-adquirido pelo Instituto de Pesquisas Meteorológicas (IPMet), unidade auxiliar da UNESP situada em Bauru. O equipamento é o primeiro passo para a implantação do Sistema Paulista de Meteorologia (SiPMet), que dará informações seguras a 30 milhões de pessoas em 70% da área do Estado. O radar, importado dos Estados Unidos através de um convênio com a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), custou US\$ 800 mil. "Este serviço meteorológico terá alta qualidade e confiabilidade", explica o diretor do IPMet, Roberto Vicente Calheiros.

O novo radar, que deve começar a funcionar no final de maio, tem características como a capacidade de detecção, quantificação e previsão de chuvas duas horas antes de elas acontecerem. Ele também pode quantificar e analisar ventos associados a chuvas. Seu alcance básico é de 240 quilômetros de raio. Segundo Calheiros, o setor econômico é especialmente beneficiado com as previsões, além da defesa civil, que pode prevenir catástrofes. "Como o aumento da produção implica maior arrecadação, este projeto enquadra-se na categoria de alto benefício-custo", declara.

Cleide Portes, de Bauru

Compra à vista ou compra a prazo?

Com a ajuda da tabela abaixo, confira qual das opções é mais vantajosa

Elias José Simon
Toshio Nojimoto
Maurá Moreira

Atualmente é muito comum depararmos, ao comprar uma mercadoria, fazer a assinatura de um jornal ou pagar algum imposto (IPVA, IPTU etc.), com preços à vista e a prazo. Ficamos também muitas vezes sem saber qual a opção mais vantajosa, dadas as possíveis alternativas de aplicações do nosso dinheiro, como CDB e poupança. Para auxiliar as pessoas quando for necessário tomar uma decisão deste tipo, estamos apresentando uma *tabela prática* que pode rapidamente apontar a opção mais vantajosa entre pagar à vista ou parcelar.

No entanto, para que esta tabela seja realmente útil é preciso partir dos seguintes pressupostos: a) que a pessoa possua o dinheiro necessário para a compra à vista, caso contrário não deve perder tempo; b) que tenha condições de aplicar seu dinheiro, conhecendo a remuneração da aplicação; c) que a taxa de remuneração da aplicação não varie significativamente no período; d) que a primeira prestação será paga no ato da compra da mercadoria ou da assinatura do jornal. Ou seja, quando o acordo for, por exemplo, em quatro prestações, a primeira etapa será paga à vista e as restantes a cada trinta dias.

O exemplo que escolhemos para ilustrar a utilização da tabela foi a renovação

TABELA: Relações entre as taxas de remuneração e o número de prestações						
Taxas de Remuneração %	NÚMERO DE PRESTAÇÕES					
	2	3	4	5	6	7
0.5	0.5012	0.3350	0.2519	0.2020	0.1688	0.1450
1.0	0.5025	0.3367	0.2537	0.2040	0.1708	0.1472
2.0	0.5050	0.3400	0.2575	0.2080	0.1750	0.1515
3.0	0.5074	0.3432	0.2612	0.2120	0.1792	0.1558
4.0	0.5098	0.3465	0.2649	0.2160	0.1834	0.1602
5.0	0.5122	0.3497	0.2686	0.2200	0.1876	0.1646
6.0	0.5146	0.3529	0.2723	0.2240	0.1919	0.1690
7.0	0.5169	0.3561	0.2759	0.2279	0.1961	0.1734
8.0	0.5192	0.3593	0.2796	0.2319	0.2003	0.1778
9.0	0.5215	0.3624	0.2832	0.2359	0.2045	0.1823
10.0	0.5238	0.3656	0.2868	0.2398	0.2087	0.1867
11.0	0.5261	0.3687	0.2904	0.2438	0.2130	0.1912
12.0	0.5283	0.3717	0.2940	0.2477	0.2172	0.1956
13.0	0.5305	0.3748	0.2975	0.2516	0.2214	0.2001
14.0	0.5327	0.3778	0.3011	0.2555	0.2256	0.2046
15.0	0.5349	0.3808	0.3046	0.2594	0.2298	0.2090
16.0	0.5370	0.3838	0.3081	0.2633	0.2340	0.2135
17.0	0.5392	0.3868	0.3116	0.2671	0.2381	0.2179
18.0	0.5413	0.3898	0.3150	0.2710	0.2423	0.2223
19.0	0.5434	0.3927	0.3185	0.2748	0.2464	0.2268
20.0	0.5455	0.3956	0.3219	0.2786	0.2506	0.2312
21.0	0.5475	0.3985	0.3253	0.2825	0.2547	0.2356
22.0	0.5495	0.4014	0.3287	0.2862	0.2588	0.2400
23.0	0.5516	0.4042	0.3321	0.2900	0.2629	0.2444
24.0	0.5536	0.4070	0.3354	0.2937	0.2670	0.2487
25.0	0.5556	0.4098	0.3388	0.2975	0.2711	0.2531
26.0	0.5575	0.4126	0.3421	0.3012	0.2751	0.2574
27.0	0.5595	0.4154	0.3454	0.3049	0.2791	0.2617
28.0	0.5614	0.4181	0.3486	0.3085	0.2831	0.2660
29.0	0.5633	0.4209	0.3519	0.3122	0.2871	0.2703
30.0	0.5652	0.4236	0.3551	0.3158	0.2911	0.2745
31.0	0.5671	0.4262	0.3583	0.3194	0.2950	0.2787
32.0	0.5690	0.4289	0.3615	0.3230	0.2989	0.2829
33.0	0.5708	0.4316	0.3647	0.3266	0.3028	0.2871
34.0	0.5726	0.4342	0.3678	0.3301	0.3067	0.2913
35.0	0.5745	0.4368	0.3709	0.3337	0.3106	0.2954
36.0	0.5763	0.4394	0.3740	0.3372	0.3144	0.2995
37.0	0.5781	0.4419	0.3771	0.3407	0.3182	0.3036
38.0	0.5798	0.4445	0.3802	0.3441	0.3220	0.3076
39.0	0.5816	0.4470	0.3832	0.3476	0.3257	0.3117
40.0	0.5833	0.4495	0.3863	0.3510	0.3295	0.3157

de sócio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Para o ano de 1992, a anuidade da SBPC é de Cr\$ 34.000,00 à vista ou três prestações de Cr\$ 15.000,00. O que fazer? Primeiramente, iremos definir a possível aplicação alternativa do dinheiro. No caso, escolhemos a caderneta de poupança, que todo mundo praticamente tem. Sabemos que a poupança está rendendo em torno de 26% ao mês e portanto adotaremos essa taxa. Vamos chamar de P o valor da prestação (Cr\$ 15.000,00) e de V o valor à vista (Cr\$ 34.000,00). A primeira operação a fazer é dividir P/V, ou seja 15.000/34.000 = 0,4412.

Pronto, basta agora procurarmos na tabela a taxa de remuneração (26%) que se encontra na coluna vertical e cruzarmos com o número de prestações (3) que se encontra na horizontal. O valor encontrado foi o de 0,4126. A regra é a seguinte: se P/V for menor que o número encontrado, é mais vantajoso parcelar o pagamento. No caso, é mais vantajoso pagar à vista. Ainda neste caso, só seria vantajoso parcelar se a taxa de remuneração da aplicação fosse no mínimo de 37% ao mês. Verifique você mesmo na tabela.

Elias José Simon, Toshio Nojimoto e Maurá Moreira são professores do Departamento de Economia e Sociologia Rural da Faculdade de Ciências Agrárias do câmpus de Botucatu.

O estudo da ação dos agrotóxicos

Nova ciência, a Ecotoxicologia avalia o impacto ambiental dessas substâncias

Joaquim Machado Neto

As atividades agropecuárias acontecem em ecossistemas naturais onde a lei fundamental é biodiversidade animal e vegetal, em equilíbrio dinâmico. A agropecuária se caracteriza por causar um grande desequilíbrio ecológico, pois a vegetação natural e o solo são agredidos e cultiva-se apenas a espécie de interesse econômico. Apesar do impacto ambiental, faz-se necessária uma grande produção de alimentos em nosso País — cada três pessoas que habitam a área rural têm que produzir alimentos para elas próprias e para mais sete que vivem nas áreas urbanas. Ocorre que espécies remanescentes nesse ambiente — ecologicamente desequilibradas e conhecidas como plantas daninhas, pragas etc. — atacam as culturas e reduzem a produção de alimentos. Assim, surge a necessidade de combatê-las e uma das alternativas é o uso de agrotóxicos. Não obstante seus benefícios, esses produtos podem atingir outros organismos e acelerar ainda mais o desequilíbrio ambiental.

Diante desse cenário, a Ecotoxicologia surge como uma ciência multidisciplinar, para estudar o impacto ambiental dos agrotóxicos. O impacto é avaliado através dos efeitos da contaminação nos diversos componentes desse novo ecossistema, inclu-



Thor Crespi Amêndolo

e também mais adaptadas às condições de clima e solo. Outras alternativas benéficas ao ambiente são a semeadura em épocas mais adequadas e o manejo integrado dos organismos daninhos (ou seja, controles parciais e/ou temporários, utilizando produtos químicos e também os inimigos naturais desses organismos), além do desenvolvimento de agrotóxicos mais específicos e seletivos, para evitar que outras espécies vegetais e animais sejam atingidas. Da mesma forma, devem ser aperfeiçoadas técnicas para melhorar a deposição das aplicações das substâncias nos seus alvos, reduzindo-se as quantidades aplicadas e as danosas derivas (a dispersão do produto fora da área visada). Além disso, é importante o manejo adequado do solo e da água, reduzindo-se a movimentação dos agrotóxicos e a contaminação do ambiente periférico.

Enfim, a Ecotoxicologia deve estudar as contaminações e o impacto ambiental dos agrotóxicos frente às técnicas agrônomicas modernas, procurando minimizá-los, tendo ao mesmo tempo em conta a necessidade de incrementos sucessivos na produção de alimentos, tão indispensáveis à sobrevivência do homem.

Joaquim G. Machado Neto é professor do Departamento de Defesa Fitossanitária da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), câmpus de Jaboticabal.

sive os alimentos colhidos, além de outros elementos que possam ser atingidos — por exemplo, a rede hidrográfica existente. Como a dispersão do agrotóxico aplicado está diretamente relacionada com as técnicas agrônomicas utilizadas, a Ecotoxicologia de-

ve estudar também os efeitos das técnicas no impacto desses produtos, para poder minimizá-lo.

Com esse objetivo, podem ser destacados recursos como plantações mais tolerantes às pragas, doenças e plantas daninhas

RODEIO

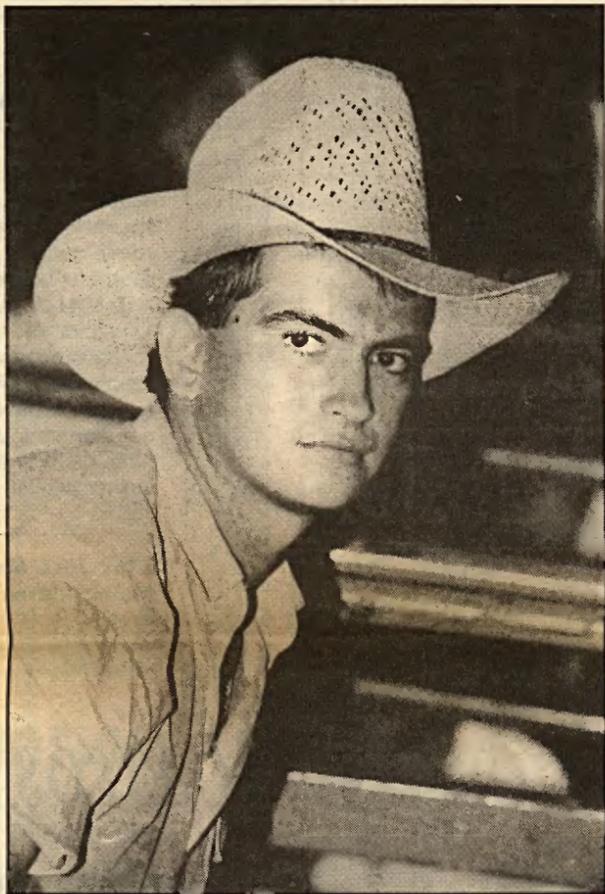
Quando o aluno vira peão

Como foi o I Rodeio Universitário de Ilha Solteira

Como em qualquer rodeio, as regras eram simples: montar no boi ou cavalo, segurando as rédeas com uma das mãos. O outro braço devia ficar levantado "para cumprimentar a platéia e as moças bonitas", como anunciou o locutor. Porém, o I Rodeio Universitário, promovido pelo Centro Acadêmico de Agronomia da Faculdade de Engenharia do câmpus de Ilha Solteira (FEIS), comprovou que entre a teoria e a prática há uma longa distância. Durante a competição, realizada nos dias 20 e 21 de março passado, trinta estudantes tentaram *mastrar que também são bons de montaria*. O que se viu foram tombos extremamente rápidos, com o candidato a peão correndo do animal enfurecido e buscando subir no alambrado.

Ninguém conseguiu ficar sobre a montaria durante oito segundos — o tempo mínimo exigido para classificação nos rodeios profissionais —, embora os bois escolhidos fossem mais mansos que os normalmente usados nesse tipo de competição. "São todos 'barrigas-verdes'", brinca Flávio Zanele, um dos organizadores do evento, usando a gíria que define os montadores inexperientes, que caem logo e "ralam a barriga no chão". Flávio, aliás, teve um dos melhores desempenhos entre os alunos. "Já havia montado na fazenda da minha família", justifica. Aficionado por rodeios, ele costuma percorrer as cidades próximas para assisti-los, junto com amigos.

Como o rodeio é hoje um dos principais programas entre os jovens universitários de vários pontos do interior, os estudantes da FEIS decidiram promover o evento em Ilha Solteira, que contou também com a participação de peões profissionais. E foi uma verdadeira festa do interior, com vários rapazes e moças exibindo seus chapéus de vaqueiro e botas de couro. Não faltou nem mesmo a eleição de uma bela rainha para a competição. No início, os alunos não sabiam como arrumar o dinheiro para essa promoção, mas depois conseguiram patrocínios entre os comerciantes da cidade e até tiveram um

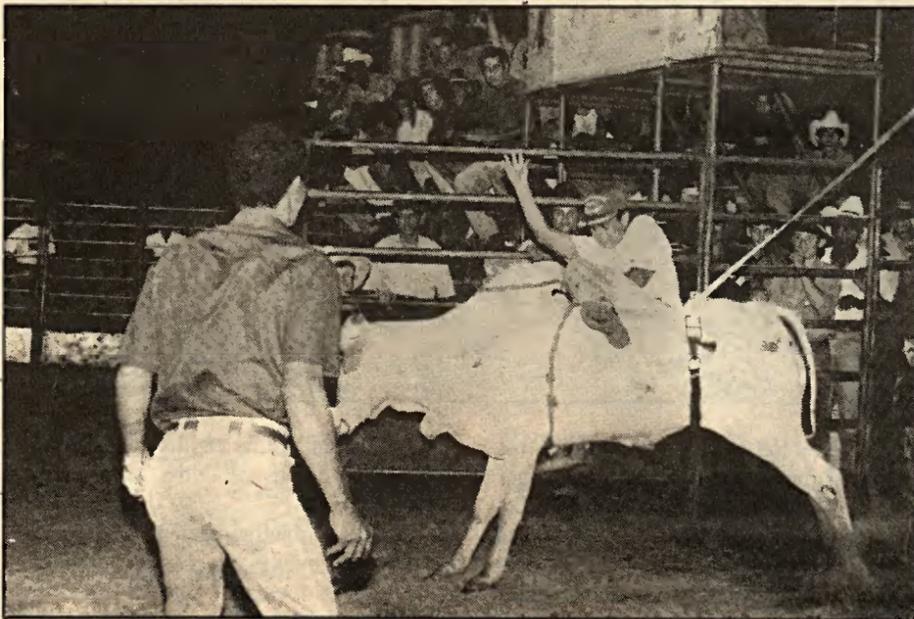


Pinta de montador: Flávio organizou a festa

lucro que irá ajudar na realização da Semana de Agronomia, em setembro.

"TUDO É FESTA"

O vencedor entre os estudantes foi Carlos Ricardo Perozio, que recebeu um troféu e uma caixa de cerveja para "bebeborar" sua conquista. Ele con-



Cena mais comum: caindo rápido e fugindo do animal enfurecido



Acima, Carlos, o campeão: fã de Chitãozinho e Xororó e bom de sela

Fotos: Rosa Gauditano



Eduardo no destaque: machucado ao cair, mas a vontade de montar continua

fessa que não é nada fácil dominar um touro. "Dá medo, mas também vontade de montar de novo", explica. Criado em fazenda, Carlos costuma cantar músicas de Chitãozinho e Xororó numa pizzaria da cidade e garante que a música sertaneja e a arte do locutor são duas das coisas que mais o atraem nos

rodeios. O locutor cativa os espectadores da competição com frases de efeito como "os que dominam vencem, os dominados vão ao chão".

Menos acostumado aos esportes rurais que outros de seus colegas da FEIS, o paulistano Alex Eckschmidt foi rapidamente ao chão. Mesmo assim, não perde o bom humor: "Tudo é festa", define. "E até que fui bem", acrescenta, avaliando sua performance. Outro dos promotores do rodeio, Eduardo Mosca machucou-se, depois de cair sobre o braço. "Mas já me sinto disposto para montar outra vez", assegura.

Apesar de estarem mais para "deguilé" do que para "uma cabeleira de quinhentos bois", que na linguagem dos rodeios designam, respectivamente o mau e o bom montador, os peões do curso de Agronomia pretendem treinar mais e realizar uma competição no câmpus todos os anos. "O rodeio está em nosso sangue", argumenta Flávio Zanele. Pelo que se nota, os tombos podem ser doloridos, porém o que domina os estudantes é a vontade de um dia vencerem os longos oito segundos sobre o lombo do animal bravo e serem ovacionados pela platéia.

Marcelo Burgos